

## **Seminário Ag - reflexões periódicas sobre fotografia**

Sessão 02 – 16.Abril.2008

### ***Cultura Visual e Modernidade***

O trabalho fotográfico e cinematográfico de Aurélio da Paz dos Reis inscreve-se no ambiente cultural, social e político da Modernidade. A sociedade do final do século XIX, início do século XX é marcada pela ressonância dos modelos de vivência oitocentistas, e pela ruptura que uma nova cultura urbana anuncia.

Fundamentada em novas premissas decorrentes do progresso tecnológico e da industrialização, a cultura urbana afirma-se nas mais diversas vertentes, seja através do comércio, transportes, electricidade, lazer, revoluções, em suma, numa componente estrutural baseada na afirmação do conceito de movimento.

O cinema reformula toda a relação entre real e representação, da mesma forma que a fotografia já o havia feito, noutros moldes, e inscrevendo-se numa evolução que aproxima o cidadão comum duma visibilidade crescente.

A memória colectiva constrói-se, a partir de então, através do microcosmo de olhares individuais e da sua importante e capital formação de opinião pública.

A enraizada estética do Naturalismo de Oitocentos que se confundia com um Realismo mal compreendido, confrontam-se com dois aspectos que refrescam esta persistência e anunciam a Modernidade em Portugal, a noção de acontecimento e a cultura urbana que o produz e simultaneamente a ele assiste.

A fotografia e o cinema serão os instrumentos chave para o enunciado desta nova premissa entre o acontecimento e toda a sua produção, leitura, divulgação e reflexo.

Neste contexto, e dada a importância da sua produção e âmbito da mesma, Aurélio da Paz dos Reis e Joshua Benoliel foram os principais produtores e criadores das imagens que nos revelam os imperativos da Modernidade portuguesa.

Enquanto produtores das imagens de acontecimento, que a imprensa e a opinião pública iriam transformar em história, e enquanto intérpretes e exímios observadores duma concepção de urbanidade relacionada com o tecido social e político.

A identidade e a característica desta nova urbanidade só podia ser representada e registada através de movimentos tipológicos como a da *Saída da Fábrica*, por si só exemplificativa dum

novo paradigma do modo de vida, marcado pelo desenvolvimento industrial e pela marca temporal de aceleração que o mesmo induziu.

É nestes moldes que a cultura visual moderna passa a observar *de outro modo*, também ela munida duma *performance* tecnológica que se desenha cada vez mais no aperfeiçoamento dos instrumentos de eleição dessa observação, como foram a fotografia e o cinema.

A fotografia e o cinema são, a um mesmo tempo, objectos de observação e produtores observados para todo o entendimento da Modernidade, e de uma das suas facetas mais importantes - a da história da cultura urbana do século XX, e as suas implicações no domínio da linguagem visual e perceptiva.

**Emília Tavares.**

Mestre em História da Arte pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, tem realizado estudos sobre a fotografia e propaganda em Portugal no período do Estado Novo, com edição da tese de mestrado *A fotografia ideológica: João Martins (1898-1972)*, pela Editora Mimesis, em 2001. Conservadora para a área da Fotografia e Vídeo no Museu do Chiado - Museu Nacional de Arte Contemporânea (Lisboa), incluindo a produção de inúmeras exposições. Destaca-se da sua actividade como comissária as exposições:

*1980-2004 anos de actualização artística nas colecções do Museu do Chiado-MNAC*, apresentada no Museu Francisco Tavares Proença Júnior em Castelo Branco, 2004; e a exposição *Joshua Benoliel (1873-1932) - repórter fotográfico*, na bienal *LisboaPhoto*, na Cordoaria Nacional, Lisboa em 2005.